



A ECOLINGUÍSTICA NA UNIVERSIDADE¹

Peter Mühlhäusler (University of Adelaide)

R e s u m o: O objetivo deste artigo é duplo. Eu gostaria de fornecer um esboço da abordagem ecolinguística ao estudo da linguagem e das línguas; fornecer argumentos para a inclusão da ecolinguística no conteúdo programático das universidades – apesar de ainda não estar claro para mim se ela deve ser abrigada no departamento de linguística, de estudos ambientais, de geografia, de psicologia ou em outro.

P a l a v r a s – c h a v e: Ecolinguística; currículos universitários; multidisciplinaridade

A b s t r a c t: The aim of this paper is twofold. I would like to provide an outline of the ecolinguistics approach to the study of language and languages. Provide arguments for putting ecolinguistics on the syllabus of university programs though it is not clear to me whether its home should be a linguistics, environmental studies, geography, psychology or another department.

K e y – w o r d s: Ecolinguistics; university curricula; multidisciplinary

1. Introdução

Minha experiência vem de ter concebido duas disciplinas ensinadas por filósofos e linguistas conjuntamente na universidade de Oxford e de ter coordenado, por vários anos, disciplinas com conteúdo oriundo do grupo de estudos ambientais da Universidade de Adelaide.

Eu comecei a pensar em questões ecolinguísticas no final dos anos 70 e depois escrevi meu primeiro artigo sobre a dimensão linguística nas questões ambientais no qual eu resenhei o *Glossário de Declarações sobre Impacto Ambiental*² de Landy (MÜHLHÄUSLER, 1983). Esse artigo foi uma das primeiras publicações a tratar do assunto. Nele eu identifiquei algumas questões:

¹ Traduzido do inglês por Ronaldo Manguiera Lima Júnior.

² Environmental Impact Statements Glossary

Que havia uma incompatibilidade entre os contornos da linguagem e os do meio ambiente;

Que a maioria dos profissionais ambientalistas (por exemplo, relatores de Declarações e Avaliações de Impacto Ambiental (EIA, EIS³) e grupos de pressão ambiental) tinham pouca ideia do papel central da linguagem e consequentemente fizeram muito pouco uso dela;

Que a diversidade de línguas e a diversidade de recursos naturais são interdependentes.

Essas questões passaram a ser vistas como importantes, e no decorrer dos últimos anos uma grande quantidade de tratados sobre linguagem e meio ambiente apareceram. O primeiro simpósio ecolinguístico aconteceu em Klagenfurt, Áustria, em 1995, e eventos similares têm sido organizados regularmente. Um marco importante foi a inclusão de uma seção de ecolinguística na AILA⁴. Há dois compêndios em língua alemã (FILL, 1993; TRAMPE, 1990) e um em inglês (MÜHLHÄUSLER, 2003a). Pesquisas sobre a área foram organizadas por Fill; Mühlhäusler (2001) e informações detalhadas sobre o discurso ambientalista podem ser encontradas em Mühlhäusler; Peace (2006) e em Alexander (2009).

O papel da linguagem nos questionamentos acadêmicos em qualquer tipo de disciplina é normalmente ignorado, mas às vezes profissionais de uma disciplina defendem a necessidade da linguística. Portanto, nos últimos anos tem havido uma discussão calorosa sobre o papel metafórico da linguagem na geografia cultural e na história ambiental, sobre o papel da metáfora como um instrumento heurístico nas ciências ambientais, e sobre a necessidade de melhores terminologias na área. Todos esses são tópicos tratados pela ecolinguística.

2. Algumas Definições

Ecologia é o estudo de inter-relações funcionais, não apenas de inter-relações entre humanos e a natureza. O pensamento ecológico tem várias características distintivas, entre elas:

Consideração não apenas de fatores internos ao sistema, mas de questões ambientais mais amplas;

Conscientização dos perigos da monocultura;

Conscientização das limitações dos recursos naturais e humanos;

Visão de longo prazo;

Conscientização dos fatores que sustentam a saúde das ecologias.

Isso significa que uma abordagem ecológica é claramente relevante para a compreensão da sociedade, da cultura e da economia. Trazer uma perspectiva ecológica a esses domínios implica, primeiramente, considerar mais parâmetros. É interessante observar o prefixo comum “eco” nas palavras economia e ecologia. “Eco” vem da palavra grega *oikos* “casa, lar, moradia” e ambas disciplinas, economia e ecologia, estão preocupadas com a questão de fazer um uso ótimo de recursos escassos. A economia tem sido há muito tempo um campo de estudo pobre de parâmetros e a sua falha em fazer previsões acuradas parecem

³ Environmental Impact Assessments e Environmental Impact Statements

⁴ Associação Internacional de Linguística Aplicada (*Association Internationale de Linguistique Appliquée*).

ser uma consequência direta da negligência de parâmetros como tempo, emoções humanas, sistemas de crença cultural e língua. Semelhantemente, muitos estudos de sociedade e cultura negligenciam o papel do meio ambiente natural e o importante papel que a língua tem em dar forma às percepções humanas da natureza. Há boas razões para alunos de disciplinas como economia, sociologia e estudos culturais se beneficiarem do estudo de fatores bioculturais e ecolinguísticos que impactam o comportamento humano e de porque as universidades devem considerar-se ecologias (veja o apêndice).

Este ensaio concerne à relação entre linguagem e ecologia. Dependendo da perspectiva, alguns darão foco à "ecologia da linguagem" e outros à "linguagem da ecologia". Quando combinadas, essas duas áreas de estudo constituem o campo da ecolinguística. A abordagem da ecologia da linguagem examina os sistemas de apoio que línguas requerem para o seu bem estar continuado, e os fatores que recentemente têm afetado o *habitat* de muitas línguas. O fato de muitas línguas estarem desaparecendo rapidamente (de 6.500 línguas hoje para, talvez, 650 nas próximas duas gerações) é cada vez mais percebido como um problema urgente e há uma área de estudo chamada "diversidade biocultural" que estuda as relações entre a perda de línguas e a perda de diversidade linguística e cultural (Maffi, 2001). Qualquer tentativa de deter ou reverter a perda linguística precisa ser corroborada pelos fatos ecológicos envolvidos. Afinal de contas, uma pessoa só pode controlar o que sabe, e a abordagem ecológica ao planejamento linguístico, portanto, tem se tornado significativa em várias partes do mundo. As bases teóricas dessa abordagem são apresentadas em Mühlhäusler (2000).

3. A abordagem da ecologia da linguagem

A ecologia da linguagem no sentido que foi primeiramente proposta é amplamente ensinada como parte das disciplinas sociolinguística e linguística aplicada. Contudo, a abordagem sofre da sua ênfase na competição entre línguas e seu foco nas línguas faladas dentro da ecologia artificial de estados-nação.

O primeiro uso da metáfora da ecologia na linguística é encontrado em um artigo de Voegelin, Voegelin e Schutz (1967) sobre as variedades linguísticas no Arizona, no qual uma distinção entre ecologia intra- e inter-linguística é apresentada. A metáfora foi apresentada de maneira independente no artigo seminal de Haugen "A Ecologia da Linguagem" (1972, baseado em uma palestra de 1970), no qual ele a define como "o estudo das interações entre qualquer língua e o seu meio ambiente" (1972: 325). A noção de meio ambiente inclui a pergunta: "quais línguas atuais são empregadas por falantes de uma língua determinada?" (1972: 336). Desde então uma grande quantidade de trabalhos descritivos sobre várias ecologias multilíngues tem sido produzida (e.g. DENISON, 1982 para línguas da Europa) bem como consideráveis refinamentos conceituais (e.g. contribuições em Enninger; Haynes (1984). No início da década de 80 foi estabelecida a importância dessa noção para a linguística aplicada, principalmente para questões de mudança e perda de língua (MACKEY, 1980). Uma visão global é apresentada na análise ecológica de Calvet (2006) sobre as formas mutáveis do uso linguístico no mundo.

Uma característica da maioria dos trabalhos iniciais sobre ecologia linguística é o predomínio da metáfora "luta pela existência". Mackey ressalta essa competição:

Línguas existem em meio ambiente e eles podem ser amistosos, hostis ou indiferentes à vida de cada uma das línguas. Uma língua pode expandir, conforme mais e mais pessoas a utilizem, ou ela pode desaparecer por falta de falantes. Assim como competição por biorecursos limitados cria conflito na natureza, o mesmo ocorre com línguas (1980: 34).

A mesma ênfase é encontrada nos diversos textos de Nelde, por exemplo, na seguinte passagem:

Eu gostaria de apresentar o argumento de que um ponto de vista ecológico não tem importância soberana pela descrição de áreas linguísticas de diglossia estável ou de áreas multilíngues ou ainda de áreas de conflitos bilíngues, mas sim pelas áreas de contato linguístico/étnico nas quais uma ou mais línguas ou variantes estão em perigo de extinção sem qualquer decisão política, seja linguística, administrativa ou repressiva, sendo conduzida abertamente (1987: 189).

É extraordinário que Nelde reserve a perspectiva ecológica para situações "patológicas" e negue o seu uso para ganhar compreensão das várias situações no mundo nas quais contato linguístico não resultou em conflito e nas quais um grande número de línguas conseguiu coexistir em uma única comunidade.

Todavia, alguns pesquisadores (e.g. MUFWENE, 2001) continuam a retratar as interações entre as línguas de uma ecologia linguística pelo princípio de "sobrevivência da mais apta". Mühlhäusler (1995) argumenta que essa visão precisa ser suplementada com estudos de coexistência cooperativa de diversas línguas em ecologias altamente multilíngues. Sem uma compreensão sólida da função não competitiva das ecologias linguísticas, há pouca esperança de que ecologistas da linguagem possam contribuir com a manutenção da diversidade linguística do mundo.

4. Argumentos a favor da diversidade linguística

Antes de fazer qualquer coisa sobre a perda da diversidade linguística (ou qualquer outra diversidade), é preciso convencer o seu público, e isso inclui universidades e outras instâncias acadêmicas, de que há um problema. Afinal, há uma percepção popular de que a diversidade é disfuncional e de que o mundo seria um lugar melhor, mais amigável e mais eficiente se todas as pessoas falassem a mesma língua. Até 1976, a Austrália aderiu e implementava uma política de redução ou assimilação linguística, e políticas similares continuam a ser idealizadas em vários de seus países vizinhos: Indonésia, Malásia, Singapura, Brunei, Taiwan, China continental e Vietnã, entre outros. Políticos nessas sociedades permanecem desconhecedores dos argumentos ecolinguísticos contra o monolinguismo, que incluem:

- a) Argumentos morais – A abordagem dos direitos humanos linguísticos (SKUTTNABB-KANGAS; PHILLIPSON, 1995), defendidos por entidades como a

UNESCO, enfatiza o direito de cada ser humano falar a sua língua como marca identidade, além do direito de ser educado nessa língua e de mantê-la caso assim o queira. Argumentos morais são normalmente ouvidos e a ideia de que a diversidade linguística é desejável tem sido abraçada por diversos políticos em países desenvolvidos, sendo a Espanha e a França exemplos bem conhecidos. Entretanto, políticos normalmente dão pouca atenção a essa ideia e há uma tendência de línguas minoritárias continuarem a ser enfraquecidas apesar das políticas oficiais bem esclarecidas, como as da África do Sul e Papua Nova Guiné.

- b) Argumentos científicos – Línguas diferentes contêm conhecimentos diferentes e os conhecimentos de outras pessoas podem ser um recurso para soluções dos nossos próprios problemas, uma fonte natural de ideias. Além disso, línguas diferentes utilizam áreas levemente diferentes do cérebro, e tornar-se multilíngue, principalmente em línguas que são historicamente ou tipologicamente distantes, aumenta significativamente a habilidade do multilíngue de utilizar as partes do cérebro que permaneceriam atrofiadas. Ademais, o multilinguismo possibilita que conexões entre partes diferentes do cérebro sejam estabelecidas, resultando em um desempenho mais elevado em todas as áreas do conhecimento por parte de multilíngues quando comparados a monolíngues. Uma pesquisa recente (BIALYSTOK et al., 2007) mostrou o importante papel que o multilinguismo tem em reduzir a incidência de demências senis e mal de Alzheimer. Pesquisas científicas também têm demonstrado a forte relação entre as diversidades ecológica e linguística (NETTLE, 1999), manifestada na direta correlação entre diversidade linguística e a diversidade de plantas e animais. Isso sugere que as línguas têm se adaptado para dar conta de condições ecológicas específicas. A própria complexidade das interações entre línguas e a ecologia significa que não há uma compreensão completa sobre as funções das diversidades linguística, cultural e biológica. Consequentemente, cientistas precisam apelar para o “princípio precautório” de que a preservação dessa diversidade pode ter benefícios a longo prazo, que, no momento, não são compreendidos, e que perder essa diversidade traz o risco de perder esses benefícios.
- c) Argumentos econômicos – Poder utilizar-se de uma série de experiências (por exemplo, na área de gerenciamento ambiental, práticas agrícolas, resolução de conflitos etc.) é mais barato do que reinventar a roda, e o uso do Conhecimento Ecológico Tradicional (CET) para encontrar soluções em pesquisas médicas, sociais e ambientais tem crescido rapidamente. Políticos e tomadores de decisão compreendem apenas uma língua: “dinheiro”. Portanto, é importante mostrar que a preservação da diversidade linguística é mais barata do que deixá-la desaparecer. Uma análise detalhada do custo-benefício da manutenção de línguas indígenas australianas foi preparada por Mühlhäusler; Damania (2004). Argumenta-se que a diversidade linguística proporciona uma série de ações positivas, tais como percepção de identidade e bem-estar, que previne disfunções sociais e individuais. Pessoas que sabem de onde vêm, a que pertencem e quem são necessitam de menos hospitais, prisões e agentes sociais. Além disso, a diversidade linguística pode gerar renda direta pelo uso de CET e de turismo cultural. A linguagem tem exercido um papel muito importante no turismo ao redor do mundo e linguistas aplicados têm começado a discutir esse papel. Quando essas e outras

contribuições econômicas da diversidade linguística forem percebidas, sua manutenção começará a ser percebida como economicamente racional e desejada.

- d) Argumentos estéticos – Esses são caracterizados por Harré; Brockmeier; Mühlhäusler (1999: 186) como “uma doutrina de vida como uma forma de arte. No seu centro está a ideia de retidão holística, o preenchimento em um equilíbrio dinâmico da raça humana com todas as outras coisas, orgânicas e inorgânicas”. Valorizar a diversidade de línguas e culturas independentemente das necessidades humanas triviais contribui com a qualidade de vida. Contribuir com a sustentabilidade da qualidade de vida tem sido há muito tempo uma das preocupações principais de universidades tradicionais.

5. A abordagem ecolinguística para falar sobre o meio ambiente

Complementando a abordagem da ecologia da linguagem estão estudos ecolinguísticos acerca do papel da linguagem no falar sobre a ecologia. Os primeiros estudos se concentravam principalmente na incompatibilidade entre os recursos linguísticos existentes e os recursos necessários para se discutirem questões ambientais adequadamente. Esses estudos normalmente têm a forma de inventário, empregando técnicas padrão de crítica filosófica da linguagem e de planejamento linguístico estruturalista. As línguas existentes são tipicamente avaliadas segundo os seguintes critérios:

- 1) Adequação referencial – uma língua como o inglês tem uma palavra para aspectos importantes do meio ambiente físico? Normalmente línguas transplantadas para um novo ambiente, principalmente “línguas mundiais” amplas, carecem de palavras para falar sobre aspectos importantes de seu novo ambiente, podendo haver consequências ambientais sérias. Em um estudo piloto dos efeitos da língua “exótica” inglês na ecologia de uma pequena ilha (Pitcairn), foi demonstrado (MÜHLHÄUSLER, 2003b) que a falta de palavras para espécies da natureza se correlaciona fortemente com extinção delas. O princípio envolvido é o de que você só pode cuidar daquilo que você conhece, e, em muitos casos, você só pode conhecer aquilo sobre o que você consegue falar.
- 2) Adequação sistemática – as palavras existentes se conformam ao padrão de uma língua, sem criar ambiguidade ou desentendimentos?
- 3) Adequação social – a língua existente serve aos objetivos de equidade, comportamento ambiental responsável, discussões bem informadas etc.?

Com relação à adequação referencial, argumenta-se que os recursos de línguas existentes são insuficientes. O inglês, por exemplo, é pobre em distinções lexicais para:

- Tipos diferentes de cultivo;
- Nomes de plantas de frutos comestíveis (por exemplo, fungos);
- Nomes para insetos úteis;
- Nomes para diferentes modos de existência;
- Nomes para atividades humanas nocivas;
- Etc.

Com relação à adequação sistemática, muito do discurso ambiental disponível é de difícil leitura, com muitos substantivos abstratos e a voz passiva da ciência (KAHN, 2001).

Termos como “ambiente”, “sustentável”, “impacto” etc. são muito ambíguos, enquanto que termos como “efeito estufa” e “buraco na camada de ozônio”, entre outros, são potencialmente enganadores.

Os maiores problemas, contudo, estão na área de adequação social e ambiental. Línguas ocidentais modernas são, em parte, resultado de uma longa tradição de dominação em vez da utilização da natureza, e de uma mobilidade geográfica, faladas em partes do mundo que carecem de descrição linguística para sua diversidade natural.

Há várias descobertas importantes sobre como fazer uma língua ser mais capaz de lidar com condições alteradas, mas, no discurso ambiental, mais do que em qualquer outro lugar, ainda somos governados pelo princípio de que em tempos de rápidas mudanças sociais e tecnológicas, a língua tende a ficar para trás se comparada a outros desenvolvimentos. É por essa razão que a ecolinguística mudou de uma análise estática de inventário para um estudo mais dinâmico sobre a questão de como as línguas se adaptam às condições de mudança ambiental (MÜHLHÄUSLER, 1996).

A ecolinguística combina, então, questões de adequação com as reflexões dos estudos da ecologia da linguagem e da linguagem da ecologia em uma única subdisciplina integrada.

6. As raízes intelectuais da ecolinguística

Farei um pequeno esboço de algumas das fontes de inspiração mais importantes.

- a) **Crítica filosófica da linguagem** – começando com o Iluminismo, e mais recentemente encontrada nos escritos de ganhadores de prêmios Nobel, tais como Albert Einstein e Konrad Lorenz.
- b) **Filologia e etimologia** – traçando a pré-história que continua a impactar o nosso comportamento linguístico atual. É possível traçar, por exemplo, a raiz de um termo problemático como “wilderness” ao inglês antigo *willed*, *wilful* e *deor* “animal” mais o sufixo nominal “o lugar da besta selvagem”, mas com uma influência secundária de *weold*, *wald* “floresta”. Um termo como “pecuniário”, que é derivado do latim *pecus* “rebanho, animal grande”, pode ser interpretado como prova de que animais têm sido tratados como mercadoria. Reflexões da linguística histórica têm sido utilizadas para reconstruir percepções humanas passadas acerca do meio ambiente e têm auxiliado na compreensão da origem de alguns dos nossos problemas atuais.
- c) **Linguagem e a abordagem de visão de mundo** – Especialmente importante é o trabalho de Whorf (1956) e a demonstração de estudiosos subsequentes de que a linguagem está intimamente envolvida na construção de percepções humanas da realidade (não realidade propriamente dita, que é de acesso extremamente difícil). Percepções construídas linguisticamente levam a ações, ideologias e ciências humanas.
- d) **Linguística funcional** – Essa abordagem, associada a nomes como Halliday (1992) e Martin (1986), fornece técnicas de análise de textos ambientais. Exemplos recentes incluem análises de textos sobre a caça de focas e baleias e o problema do crescimento econômico. Halliday foi o primeiro a assinalar a centralidade da ecolinguística na linguística aplicada.
- e) **Estudos de metáforas** – Um tema central na ecolinguística é a metáfora, principalmente as abordagens que:

- i. Exploram as metáforas pelas quais outros grupos vivem (por exemplo, o homem como governante da natureza, a natureza como uma máquina, a natureza como uma mãe, a natureza como um celeiro de recursos, mais é melhor, tempo é dinheiro, animais são irmãos, deus é um engenheiro aposentado, deus é a natureza etc.). O trabalho de Lakoff; Johnson em “Metaphors we Live by” (1980) é um bom exemplo;
 - ii. Veem metáforas como um instrumento heurístico, tema explorado por diversos filósofos da ciência, como Kuhn, Harré e os participantes da obra de 1979 de Ortony. Uma ênfase especial é dada a metáforas ambientais, como:
 - *sink* (em expressões como “carbon sink⁵”);
 - memória (corais podem ser uma memória de temperaturas passadas da água);
 - ecologia (do grego *oikos* “lar, casa”).
- f) **Planejamento linguístico e estudos terminológicos** – As raízes dessa iniciativa estão nas tentativas do Iluminismo do século dezessete de sistematizar o conhecimento, desenvolver sistemas taxonômicos, criar línguas artificiais que permitissem cientistas descrever categorias, e divulgar o conhecimento. Contribuições mais recentes incluem o movimento *Plain English*, estudos de *design* documentado e afins. Além da linguística, as seguintes áreas têm contribuído significativamente com a ecolinguística:
- i. A crítica linguística de ambientalistas (tentativas de criar uma língua biocêntrica para substituir a língua antropocêntrica), ecofeminismo (tentativas de repensar o gênero utilizado para falar da natureza) e a permacultura (para mais detalhes, ver Mühlhäusler, 2003a);
 - ii. Críticas da geografia cultural sobre a noção que paisagens naturais podem ser descritas como objetos, substituindo-a pela visão de que paisagens naturais são textos culturais que refletem a ação de seus escritores e leitores humanos.
- g) **História ambiental** – Em contraste com a geografia cultural, historiadores ambientalistas, como Crosby (1986), vivem sob a metáfora da natureza real como um agente independente. Parte de suas agendas é sujeitar metáforas existentes, tais como comunidade, ecossistema e associações a plantas, a uma análise crítica. Pesquisadores como Crosby, e outros, mais recentemente, começaram a discursar sobre o tema da inter-relação entre a diversidade cultural, linguística e biológica.
- h) **Lexicografia ambiental** – Dicionários especializados em fenômenos e/ou problemas ambientais têm se proliferado recentemente. Entre eles estão enciclopédias para trabalhos ambientalistas, como Landy (1979), bem como estudos lexicais de antropólogos (classificação de formas de vida em diferentes culturas) e linguistas (nomes de peixes do pacífico, por exemplo).

Há várias outras raízes da ecolinguística, discutidas em Fill (1993) e em Mühlhäusler (2003a).

7. Aspectos Práticos

⁵ “Sumidouro de carbono”.

Eu espero ter fornecido algumas razões pelas quais a ecolinguística precisa ser levada a sério e de porque ela deve ser ensinada para alunos não apenas de linguística, mas também de outros cursos. Como a maioria dos alunos de uma disciplina de ecolinguística não tem conhecimento profundo de linguística, é importante incluir também um curso intensivo introdutório de linguística para familiarizá-los com leituras simples e de fácil compreensão (como a *Encyclopaedia of Language*, de David Crystal, de 1997) e disponibilizar uma coletânea vasta de leituras sobre ecolinguística.

Um curso de linguística ambiental pode ter aulas expositivas de uma hora por semana, complementadas por sessões de discussão, tarefas práticas, avaliações de filmes etc., em pequenos grupos que se reúnam por uma ou duas horas por semana.

Tutores desses pequenos grupos podem ser alunos que já concluíram o curso e que decidiram embarcar em uma formação mais profunda em um tópico ecolinguístico. Eu tenho obtido sucesso em encontrar tutores adequados. Eu tenho descoberto que há pouquíssima oposição da parte de pesquisadores ambientalistas sobre a inclusão da ecolinguística uma vez que já está claro que ela não é o estudo de textos abstratos nem a tentativa de colonizar ou de enfraquecer outras áreas de estudos ecológicos.

8. O futuro

Em minha opinião, a ecolinguística tem um ótimo prospecto se ela genuinamente se mantiver como interdisciplinar e evitar cair na armadilha de se tornar mais uma área hifenizada da linguística, tal como a psicolinguística e a sociolinguística⁶. Também deve ser evitada uma ambientalização retórica da linguística sem estudos sérios sobre a natureza e a função da diversidade. Tentar tornar a ecolinguística uma subdisciplina autônoma e fechada me parece ser contra-produtivo. A parte “eco” de “ecolinguística” precisa ser compreendida como um lembrete da necessidade de aumentar as ligações que podem unir o máximo de disciplinas interessadas no meio ambiente possível. Se os praticantes da ecolinguística continuarem a “sujar” suas mãos com o mundo real ao participarem de trabalhos ambientais, políticas ambientais e práticas ambientais tais como a permacultura, essas ligações podem ser mantidas.

A ecolinguística também tem o papel de contribuir tanto com estudos linguísticos como com os ambientais; com os linguísticos, ao desafiar o conceito de que a língua é um objeto abstrato ou um órgão mental que pode ser estudado isoladamente, e ao demonstrar que a língua é um fenômeno ecológico situado e interconectado com o resto do mundo; e com os ambientais, ao demonstrar a ambientalistas que a língua não é um instrumento neutro. Todos os pesquisadores precisam tornar explícitas as teorias implícitas que estão presentes mesmo em seus discursos científicos mais objetivos. A ecolinguística precisa demonstrar que ao aprender a controlar a língua, tanto a teoria como a prática ambientais serão beneficiadas. Eu acredito que esses objetivos são alcançáveis, apesar de eu ter mais dificuldade em convencer meus parceiros linguistas do que meus parceiros de estudos ambientais.

9. Aplicações

⁶ *Psycho-linguistics* e *socio-linguistics* no original.

E C O - R E B E L

Uma vez que o tempo para impedir o declínio da diversidade biocultural é pequeno e como o conhecimento não está completo, qualquer abordagem que procure basear-se em um conhecimento científico pleno é irrealista. Eu comecei a desenvolver uma solução diferente e mais facilmente tratada: escrever Avaliações de Impacto Linguístico que busquem esclarecer o impacto de desenvolvimentos sociais e tecnológicos propostos na ecologia linguística.

Os critérios de avaliação de programas acadêmicos atualmente incluem as seguintes indagações:

- O programa levará os alunos a empregos?
- O programa ajudará a converter conhecimento em benefícios financeiros?

Eu acredito que essas perguntas podem ser respondidas enfaticamente com um sim. Deixem-me apontar algumas das possíveis aplicações.

- a) Avaliação de Impacto Ambiental. A maioria dos documentos que eu tive o prazer duvidoso de ler são linguisticamente crus, beirando o ilegível, vítimas de todos os tipos de ciladas semânticas e ignorantes dos impactos de desenvolvimento tal como o de diversidade linguística. Uma grande parte do meu próximo livro é dedicada a sugestões de como melhorar as Avaliações de Impacto Ambiental e de incluir Avaliações de Impacto Linguístico. Ecolinguistas podem tomar a liderança nessa empreitada. É provável que isso também aumente as chances de ecolinguistas se manterem empregados, principalmente se suas habilidades levarem a documentos mais baratos, mais limpos e mais equitativos.
- b) Para que o discurso global sobre o meio ambiente seja eficiente é necessário que ele seja mantido e melhorado por ecolinguistas. Ecolinguistas são os mais bem equipados para explicar porque “salvar a floresta” pode não ser uma mensagem eficaz na África ocidental ou na Papua Nova Guiné, ou porque a noção de “meio ambiente”, longe de ser universal, é um conceito muito específico em algumas línguas e culturas e cuja aceitação não pode ser garantida. Ao unir o conhecimento à tarefa de promover conscientização ambiental, a ecolinguística pode reduzir o custo e aumentar a eficácia da educação ambiental mundial.
- c) Ao sugerir maneiras de como a língua pode ser utilizada para obter conhecimentos ambientais novos e para avaliá-los, a ecolinguística pode ajudar a acelerar as pesquisas e descobertas de soluções de problemas ambientais.

Eu não reivindico que a ecolinguística seja a salvadora do meio ambiente, mas espero que ela ajude a conscientizar-nos dos problemas que devem ser encarados na tarefa de cuidar do meio ambiente.

Referências

- AIKHENVALD, A. Y. Areal diffusion and language contact in the Içana-Vaupés basin, North West Amazonia. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. (orgs.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 385-415.
- ALEXANDER, Richard J. *Framing Discourse on the Environment*, Nova York & London: Routledge, 2009.
- ANDERSON, B. R. Language, Fantasy, Revolution: Java, 1900-1945. In *Prisma* 50, 1990, p. 25-39.

E C O - R E B E L

- BAKER, Philip; MÜHLHÄUSLER, Peter. From Business to Pidgin. In: *Journal of Asian Pacific Communication* 1, 1990, p. 87-115.
- BENDER, B. W. 'Micronesian Languages', in *Current Trends in Linguistics* 8, 1970, p. 426-65.
- BIALYSTOK, Ellen; FREGUS, I. M.; FREEDMAN, Craig; FREEDMAN, Morris. Bilingualism as a protection against the onset of symptoms of dementia. *Neuropsychologia* v. 45, n. 2, 2007, p. 459 – 464.
- BREWER, R. *The Science of Ecology*. Philadelphia: Saunders College Publications, 1988.
- Calvet, Louis-Jean. *Towards an Ecology of World Languages*. Cambridge: Polity, 2006.
- CRONON, William. 'A Plan for Stories: Nature, History and Narrative', *The Journal of American History* v. 78, n. 4, 1992, p. 1347-1376.
- CROSBY, Alfred W. *Ecological Imperialism*, Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- CRYSTAL, David. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge: University Press, 1007, 2a. 2006, ed., 1997.
- DENISON, N. 'A Linguistics Ecology for Europe?' In: *Folia Linguistica* v. XVI, n. 1, 1982, p. 1-16.
- Department of Employment, Education, Training and Youth Affairs (DEETYA). 'Desert Schools' v. 1. Canberra, 1996.
- DÖRING, Martin. "Vereint hinterm Deich" – Die metaphorische Konstruktion der Wiedervereinigung in der deutschen Presseberichterstattung zur Oderflut 1997'. In: FILL, A.; PENZ, H.; TRAMPE, W. (eds.) *Colourful Green Ideas*. Bern: Peter Lang, 2002.
- DRECHSEL, E. J. *Mobilian Jargon: Linguistic and Sociohistorical Aspects of a Native American Pidgin*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- DUNCAN, J. S. *The City as Text: The Politics of Landscape Interpretation in the United Kingdom*, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- DUTTON, T. E. *Hiri-Motu – Iena Sivarai*. Port Moresby: University of Papua New Guinea Press, 1983.
- ENNINGER, W.; HAYNES, L. Language ecology – a revived paradigm? In: Enninger, W.; Haynes, L. (orgs.). *Studies in Language Ecology*. Wiesbaden: Steiner, 1984, p. 235–236.
- FILL, Alwin. *Ökolinquistik - Eine Einführung*, Tübingen: Narr, 1993.
- FILL, A. (org.). *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996.
- _____; MÜHLHÄUSLER, Peter (orgs.). *The Ecolinguistics Reader*. Londres & Nova York: Continuum, 2001.
- Fill, Alwin; Penz, H.; Trampe, W. (orgs.). *Colourful Green Ideas*. Bern: Peter Lang, 2002.
- Gumperz, J. J.; Wilson, R. Convergence and Creolization: A Case From the Indo-Aryan / Dravidian Border. In: HYMES, D. (org.) *Pidginization and Creolization*. Londres: Cambridge University Press, 1971, p. 151-168.
- HAARMAN, H. *Multilingualisms 2: Elemente einer Sprachökologie*. Tübingen: Narr, 1980.

E C O - R E B E L

- HALLIDAY, Michael A.K., 1992, 'New Ways of Meaning: The Challenges to Applied Linguistics' in Pütz (ed.), 59-95.
- Hansen, K. C. Communicability of some Western Desert communilects. In: Hudson, J.; Pym, N. (orgs.) *Language Survey - Work Papers of SIL/AAB*, B-11, Darwin: Summer Institute of Linguistics, 1984.
- HARRÉ, R.; BROCKMEIER, J.; MÜHLHÄUSLER, P. *Greenspeak*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1999.
- HAUGEN, Einar. The Ecology of Language. In: A.S. DIL (org.) *The Ecology of Language, essays by Einar Haugen*. Stanford: Stanford University Press, 1972, p. 325-39.
- HILL, J. H. Language contact systems and adaptations', in *Journal of Anthropological Research* v. 34, n. 1, 1978, p. 1-26.
- HYMES, Dell (org.). *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- _____; Bittle, W. E. *Studies in South Western Ethnolinguistics*. The Hague: Mouton, 1967.
- KAHN, Mary. Passive Voice of Science: Language abuse in the wild life profession. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (orgs.). *The Ecolinguistics Reader*. Londres: Continuum, 2001, p. 241-244).
- KETTEMANN, B.; PENZ, H. *ECONstructing Language, Nature and Society*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2000.
- LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- LAYCOCK, D. C. Multilingualism: Linguistics Boundaries and Unsolved Problems in Papua New Guinea. In: WURM, S. A. (org.) *New Guinea and Neighbouring Areas: A Sociolinguistic Laboratory*. The Hague: Mouton, 1979).
- _____. Melanesian Linguistic Diversity: A Melanesian Choice? In: MAY, R. J.; NELSON, H. (orgs.). *Melanesian beyond Diversity*. Canberra: Research School of Pacific Studies, 1981.
- LANDY, Marc. *Environmental Impact Statement Glossary* Nova York: Quadrangle Books, 1979.
- MACKEY, W.F. The ecology of language shift. In: NELDE, P. (org.). *Sprachkontakt und Sprachkonflikt*. Wiesbaden: Steiner, 1980, p. 35-41.
- MAFFI, Luisa (org.). *On biocultural diversity: linking language knowledge and the environment*. Washington/London: Smithsonian Institution Press, 2001.
- MALINOWSKI, C. The Problem of Meaning in Primitive Languages. In: ODGEN, C. K.; RICHARDS, I. A. (orgs.) *The Meaning of Meaning*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1930.
- MARTIN, James R. Grammaticalizing Ecology: The Politics of Baby Seals and Kangaroos. In: THREADGOLD et al. (orgs.), 1986, p. 235-267.
- MUFWENE, Salikoko S. *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- MÜHLHÄUSLER, Peter. Talking about Environmental Issues. *Language and Communication* v. 3, n. 1, 1983.

E C O - R E B E L

- _____. Language ecology — contact without conflict. In: PÜTZ, Martin (org.). *Language Choices*. 1995a, p. 3-16.
- _____. *The interdependence of linguistic and biological diversity*, MYERS, D. (org.) Darwin: University of the Northern Territory Press, 1995b, p. 154–161.
- _____. Linguistic adaptation to changed environmental conditions: some lessons from the past. In: FILL, A. (org.), 1996a, p. 105–13.
- _____. *Linguistic Ecology: Language Change And Linguistic Imperialism In The Pacific Region*. London: Routledge, 1996b.
- _____. Some Pacific Island Utopies and their languages. *Plurilinguismes* 15, 1998, p. 27–47.
- _____. Language Planning and Language Ecology. *Current Issues in Language Planning* v. 1, n. 3, 2000, p. 306-368.
- _____. Language as an ecological phenomenon. In: *The Linacre Journal* 5, 2002, p. 61–68.
- _____. *Language of Environment, Environment of Language: A course in ecolinguistics*. London: Battlebridge, 2003a.
- _____. English as an exotic language. In: Mair, C. *The Politics of English as a World Language*. Amsterdam: Rodopi, 2003b, p. 67 – 86.
- _____; DAMANIA, R. *Economic Costs and Benefits of Australian Indigenous Languages*. Discussion Paper prepared for Australian Government Aboriginal and Torres Strait Islander Services (ATSIS, Canberra : DCITA), 2004.
- MÜHLHÄUSLER , Peter; PEACE, A. Mind Your Language - Ecolinguistics as a Resource for Ecotourism. Conference paper ‘Ecotourism Association of Australia’, Fraser Island, 1999.
- _____. Discourses of ecotourism: the case of Fraser Island. In: *Language and Communication* 21, 2001, p. 359 – 380.
- _____. Environmental Discourses. In *Annual Review of Anthropology* 35, 2006, p. 457–479.
- NELDE, P. H. Language Contact Means Language Conflict’, In: MAC EGIN, G.; AHLQVIST, A.; Ö HAODHA, D. *Third International Conference on Minority Languages*. Clevedon: Multilingual Matters, 1987, p. 33 – 42.
- Nettle, D. *Linguistic Diversity*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- Ortony, Andrew (org.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- Puetz, Martin (org.). *Thirty Years of Linguistic Evolution*. Amsterdam: Benjamins, 1992.
- _____. *Language Contact and Language Conflict*. Amsterdam: Benjamins, 1994.
- _____. Language choices-contact and conflict’, in PUETZ, M. (org.). *Language Choices*. Amsterdam: Benjamins, 1997, p. ix–xi.
- SKUTNABB-KANGAS, Tove; PHILLIPSON, Robert (orgs.). *Linguistic Human Rights*, Berlin : Mouton De Gruyter, 1995.

ECO-REBEL

- SUTTON, P. Language in Aboriginal Australia: Social Dialects in a Geographic Idiom. In: Romaine, S. (org.) *Language in Australia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- THREADGOLD, Terry; GROSZ, E. A.; KRESS, Gunther; HALLIDAY, M.A.K. (orgs). *Semiotics, Ideology, Language*. Sydney: Sydney Association for Studies in Society and Culture, 1986.
- THURSTON, W. R. *Process of Changes in the Language of North-Western New Britain*. Canberra: Pacific Linguistics 1399, 1987.
- TINDALE, N. B. *Aboriginal Tribes of Australia*. Berkeley: University of California Press, 1974.
- TRAMPE, Wilhelm. *Oekologische Linguistik*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.
- TRYON, D.T. The Language Situation in the New Hebrides', in Wurm, S. A. (org.). *New Guinea and Neighbouring Areas*. Haia: Mouton, 1979.
- VOEGELIN C.F.; VOEGELIN F.M.; SCHUTZ, N.W. Jr. The Language Situation in Arizona as Part of South West Cultural Area. In: Hymes; Bittle (eds.), 1967, p. 403-451.
- WHORF, Benjamin Lee. *Language, Thought, and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, Mass.: Technology Press, 1956.
- WILLIAMS, C. H. Language planning and social change: Ecological speculations', in *Language Planning: Focusschrift in Honour of Joshua A. Fishman on the Occasion of his 65th Birthday*, 3, p. 53-74. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- WURM, S. A.; LAYCOCK, D.C. The Question of Language and Dialect in New Guinea. In: *Oceania* 37, 1962, p. 128-143.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 2, n. 1, 2016.